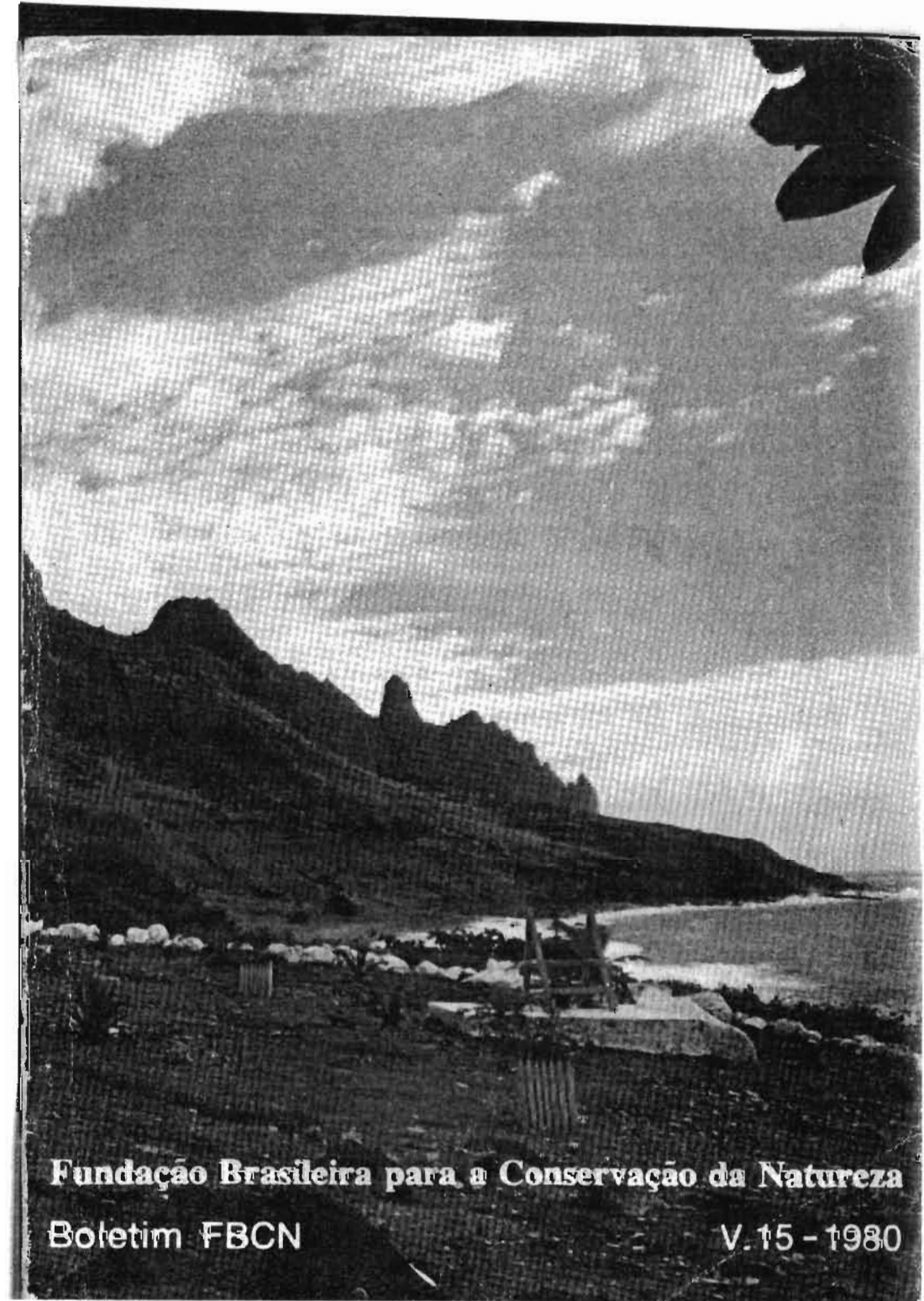


10



Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza

Boletim FBCN

V. 15 - 1980

UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO TEÓRICA DO PROCESSO EXTRATIVO

ALFREDO KINGO OYAMA HOMMA¹

1. INTRODUÇÃO

O processo extrativo sempre foi entendido como primeira forma de exploração agrícola, limitando a coleta de produtos existentes na natureza, com baixa produtividade ou produtividade declinante, como decorrentes em muitos casos do custo de oportunidade do trabalho próximo do zero, tendendo a sua extinção com o correr do tempo. Muitas das antigas formas de extrativismo fazem parte hoje de culturas ou criações racionais, outras estão em vias desse processo de domesticação e novas atividades extrativas poderão surgir.

O fato das atividades extrativas estarem relacionadas com o esgotamento desses recursos, que em alguns casos são de propriedade comum, com exceção do ar, são localizados, afetos aos efeitos externos, terem motivado ultimamente o aparecimento de certas medidas de sentido conservacionista, notadamente as relacionadas com a proteção da floresta amazônica.

A despeito da alta importância que o extrativismo tem desempenhado na formação econômica e social do Brasil, os enfoques de análise têm sido convencionais, bem como os tratamentos dispensados a este setor.

No caso da região amazônica, dada a quantidade da existência de seus recursos naturais, o extrativismo tem desempenhado um papel decisivo na formação econômica e social da região e do Brasil, sobretudo pela exploração extrativa da seringueira.

¹ Economista Agrícola do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, Caixa Postal 48, Belém-Pará-Brasil.

A pauta de produtos extrativos atualmente explorada no Brasil é bastante extensa abrangendo borrachas, gomas não elásticas, ceras, fibras, oleaginosas, tanantes, alimentícios, aromáticos, corantes, medicinais, tóxicos, madeiras, caça e pesca, envolvendo grande parcela da população rural na coleta e nos processos de beneficiamento, industrialização e artesanato, formando diversos tipos característicos e peculiaridades regionais.

A pressuposição principal do extrativismo requer a existência de recursos naturais que tenham potencialidades para exploração econômica, quer através do seu consumo "in natura", beneficiamento ou industrialização. Requer também que estes produtos sejam competitivos em relação a determinados produtos substitutos ou complementares ou a inexistência de qualquer substituto no mercado. Com relação a estas considerações e ao conceito geral do extrativismo procuraremos discutir algumas implicações teóricas ligadas ao processo extrativista.

2. CLASSIFICAÇÃO DO PROCESSO EXTRATIVISTA

Os processos extrativistas podem ser classificados em dois grandes grupos quanto a sua forma de exploração:

— *Extrativismo por aniquilamento ou depredação.* Quando a obtenção do recurso econômico implica na extinção dessa fonte, ou quando a velocidade de recuperação for inferior a velocidade de exploração extrativa. Trata-se, por exemplo da extração madeireira, do palmito, da caça e pesca indiscriminadas, etc.

— *Extrativismo de coleta.* Quando a sua exploração é fundamentada na coleta de produtos extrativos produzidos por determinadas plantas ou animais. Nesse caso, é comum forçar a obtenção de uma produtividade imediata levando também ao seu aniquilamento a médio e a longo prazo. Exemplos desse grupo temos a seringueira, a castanha-do-Brasil, etc. No caso em que a velocidade de extração for igual a velocidade de recuperação, o extrativismo permanecerá em equilíbrio.

Em ambos os casos, as substituições por outras atividades econômicas levam também ao seu total aniquilamento das antigas formas de exploração extrativa.

3. INÍCIO DA EXPLORAÇÃO EXTRATIVA

A intocabilidade de certos recursos naturais há alguns decênios que tiveram a sua exploração acelerada nos dias atuais, culminando com o aparecimento de movimentos ecológicos contra esta destruição ou o aparecimento de novas formas extrativas a serem desenvolvidas, pode ser explicada como sendo uma oferta potencial, cujo preço de exploração excede ao preço da demanda potencial por este determinado produto.

Com o desenvolvimento da tecnologia, métodos de exploração ou com a melhoria das condições infraestruturais, as condições para o extrativismo são viabilizadas, induzindo ao início da exploração extrativa.

O início da exploração pode ser entendido como tendo uma oferta potencial (S) bastante grande de determinado recurso natural como um bem livre e uma demanda potencial (D), inicialmente pequena (Fig. 1a). Com o tempo, dado o crescimento do mercado, a melhoria dos processos de transporte e comercialização e obras de infraestrutura, estas tenderiam a entrar no equilíbrio com o crescimento da demanda (Fig. 1b).

A intensificação da exploração de madeiras na região amazônica pode ser entendida como o aumento gradativo da demanda por esse produto, causando as grandes devastações na área, em relação a duas ou três décadas anteriores. A abertura de estradas e o crescimento da demanda condicionou a viabilidade econômica dessas explorações.

O processo de "queimadas" bastante típico na região amazônica, onde grandes quantidades de madeiras nobres são queimadas, a par dos aspectos culturais, exigüidade de tempo, custo de preparo da área mais econômica, fertilização do solo e manejo mais fácil, pode ser explicado como sendo um problema econômico. O agricultor assim procederá, uma vez que o preço de exploração do recurso seria superior ao que o mercado poderia pagar por ele, daí a razão de sua inutilidade, pelo fato das madeiras para aquelas condições do produtor serem um bem livre, dada a grande disponibilidade na área e pelo seu baixo custo seria pouco estimada. A construção de estradas ou de indústrias madeireiras, tornam a extração econômica, passando nesta segunda etapa a sua exploração.

4. FINAL DO PROCESSO DE EXTRATIVISMO

A fase final do extrativismo pode ser interpretada como sendo o esgotamento dos recursos naturais ou dada a rigidez da oferta. Para o extrativismo por aniquilamento com o deslocamento da curva de oferta para a esquerda, pela redução dessas fontes de recursos, levando por conseguinte a elevação dos preços a cada nível de equilíbrio (Fig. 1c). A longo prazo

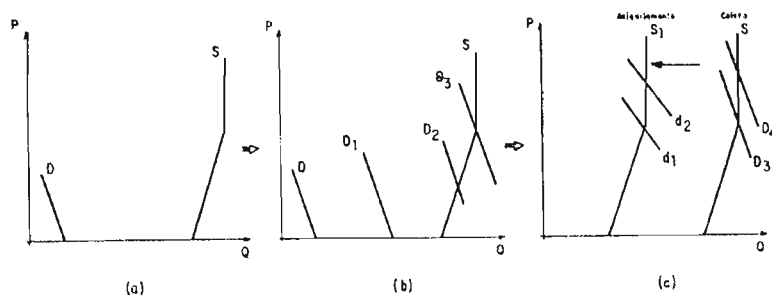


FIG. 1 - Potencial de recurso extrativo, processo inicial e fase final do extrativismo por aniquilamento e coleta.

por não atender a exigências da demanda dado o nível de rigidez de preços a partir dos quais não seriam suportados maiores aumentos, tendendo a aumentar o excesso da demanda positiva levando a uma instabilidade warlasiiana.¹

Para o extrativismo de coleta, dado o fato de atingir o ponto em que a oferta passaria a ser inelástica, onde os preços atingiram níveis tão elevados que seriam estimuladas as formas racionais de cultivo ou criação, levando ao seu abandono ou a sua substituição por outras atividades (Fig. 1c.). No extrativismo de coleta é comum também verificar o aniquilamento em busca de obter maior produtividade imediata, por exemplo, os seringueiros danificarem as árvores com o intuito de obter maior produção, sugerindo uma curva de oferta a curto prazo negativamente inclinada.

Para algumas espécies a exploração extrativa é feita tanto por aniquilamento para uma finalidade e de coleta para outra finalidade. Exemplo desse caso típico, temos da palmeira do açai no qual são obtidos o palmito por aniquilamento e alimento (vinho) a partir dos seus frutos.

Mesmo para o extrativismo de coleta, não deixam de ser aniquilados, uma vez que estes não fazem parte de uma exploração racional, por depredação, aumento de uma produtividade imediata ou a sua substituição por outras atividades mais competitivas.

5. CONCLUSÕES GERAIS

A exploração extrativa não se faz de maneira isolada, mas que envolve todo um complexo rural, urbano e industrial, com vinculações no mercado nacional e internacional. Por exemplo, com o crescimento das cidades da Região Norte, aumentando consideravelmente as importações de produtos industrializados do centro-sul criou um fluxo para a maior exploração extrativa de madeira na região.

O processo de extrativismo é iniciado quando esta deixa de ser um bem livre, com o crescimento da demanda. O final do extrativismo, dá-se quando há o esgotamento com o seu aniquilamento ou quando a sua oferta torna-se inelástica para satisfazer a demanda. Em ambos os casos os níveis de equilíbrios são atingidos com a elevação constante nos preços. Nas duas situações a não existência de produtos substitutos adequados pode levar ao aperfeiçoamento do seu processo de produção, via tecno-

¹ Bilas (1973) e Friendman (1971).

logia, passando à exploração racional, cuja demanda de tecnologia pode ficar regulada pelo mecanismo de autocontrole.

A teoria exposta permite delinear tratamentos distintos para o extrativismo quanto ao sentido de sua preservação. No caso do extrativismo por aniquilamento, a limitação da expansão da demanda através do aumento de seu custo de exploração, tais como impostos, taxas, a não execução de obras infraestruturais, etc. podem retardá-los ou dificultá-los, mas a longo prazo torna-se inevitável a sua exploração. Há o perigo de que pelo seu baixo custo, seria pouco estimado, levando à exploração predatória e seletiva, neste caso o Governo deveria estimular a exploração mais racional possível desse recurso. Paralelamente o Governo deve procurar estabelecer áreas ou espaços destinados a sua preservação, tais como reservas, parques, fiscalização, etc.

No caso de extrativismo por coleta, a política a ser seguida seria evitar a depredação desses recursos, estabelecendo padrões mais rígidos para a sua manutenção e evitando a sua substituição indiscriminada por outras atividades competitivas.

Comum para ambas as formas de extrativismo, seria uma política visando desenvolver pesquisas que a médio e a longo prazos possibilitem a elaboração de tecnologias para desenvolver estas atividades em bases racionais.

Outras medidas são ligadas ao incentivo para o plantio ou a criação racional de recursos extrativos que devem ser estimulados não só nas áreas onde são desenvolvidas estas atividades, mas também nas áreas de consumo desses produtos extrativos. Nesse caso o reflorestamento constituiria um exemplo típico. Alternativas dirigidas para a área de educação da população no sentido de maior preservação dos recursos naturais, uma política de assistência social dirigida aos extratores e a formulação de padrões mais rígidos para o estabelecimento de outras atividades em substituição às atividades extrativas devem ser estimuladas.

Finalmente deve-se ressaltar que no sistema de livre mercado, a orientação das atividades no extrativismo pela mão invisível de Adam Smith são prejudicadas para atingir o ótimo de Pareto². Quando se buscam obter o seu aproveitamento econômico e o sentido de preservação ecológica, uma vez que os recursos extrativos quando deixam de ser bens livres passam a ser regulados pelas forças do mercado, porém com a diferença que apresentam uma oferta rígida, necessitando um tratamento diferenciado dos outros setores.

² Bilas (1973) e Henderson & Quandt (1976).

BIBLIOGRAFIA

- BILAS, Richard A. — Teoria micro-econômica: uma análise gráfica. Rio de Janeiro, Forense, 1973.
- FRIENDMAN, Milton. Teoria dos preços. Rio de Janeiro, APEC, 1971. 520p.
- HENDERSON, J. M. & QUANDT, Richard E. — Teoria micro-econômica: uma abordagem matemática. São Paulo, Pioneira, 1976. 417p.